

ATUAÇÃO DO ASPECTO NA VARIAÇÃO ENTRE OS PRETÉRITOS MAIS-QUE-PERFEITO E PERFEITO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PRINCÍPIO DO UNIFORMITARISMO

Angela Cristina Di Palma Back¹
Márluce Coan²

Resumo: Nossa proposta visa a demonstrar que a categoria Aspecto (no sentido de tipo de situação, conforme Vendler, 1974 [1967]) condiciona o uso variável dos pretéritos perfeito e mais-que-perfeito tanto em sincronia atual quanto em diacronia. A tipologia verbal quadripartida proposta por Vendler é constituída pelos seguintes tipos de verbos: *atividades*, *accomplishments*, *achievements* e *estados*; essa tipologia serve à classificação de significados sentenciais e não apenas dos verbos; assim, sujeito, objeto, tempo verbal e advérbios temporais exercem função em determinar a que classe uma expressão pertence. Os dados considerados para a análise sincrônica provêm de entrevistas que integram o banco de dados do VARSUL; a amostra diacrônica, do século XVI ao século XX, engloba, dentre outros gêneros, peças teatrais, cartas, depoimentos. Nas duas perspectivas de análise, utilizamos o programa estatístico VARBRUL. Os resultados mostram que situações mais dinâmicas/menos durativas condicionam o uso do pretérito mais-que-perfeito e situações menos dinâmicas/mais durativas, o uso do pretérito perfeito nas duas amostras, revelando a atuação do princípio do uniformitarismo (LABOV, 1972; 1994).

Palavras-chave: Aspecto. Variação. Uniformitarismo.

Abstract: Our proposal aims to demonstrate that the Aspect category (in the sense of type situation, according to Vendler, 1967) conditions the variable use of “pretérito perfeito” and “pretérito mais-que-perfeito”, both in actual synchrony and in diachrony. The verbal quadripartite typology, proposed by Vendler, is constituted by the following types of verbs: activities, accomplishments, achievements and states; this typology serves the classification of sentential meanings, and not just of verbs. Therefore, subject, object, verb tense and temporal adverbs exercise the function of determining to what class the object belongs to. The data here considered for the synchronic analysis belongs to interviews that compose VARSUL's database; the diachronic sample, from the sixteenth to the twentieth century, encompasses, among other genres, plays, letters, and testimonials. For both perspectives of analysis, we used the statistics program VARBRUL. The results show that more dynamic / less durative situations condition the use of the “pretérito mais-que-perfeito”, whereas less dynamic / more durative situations condition, in its turn, the use of “pretérito perfeito” in both samples, showing the role played by the principle of uniformitarianism (Labov, 1972, 1994).

Keywords: Aspect. Variation. Uniformitarianism.

Introdução³

Neste artigo, tratamos da atuação do Aspecto no fenômeno de variação entre o pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) *versus* o pretérito perfeito (simples) em duas perspectivas: a) diacrônica considerando-se dados do século XVI ao século XX; b) sincrônica atual: considerando-se dados do projeto VARSUL-UFSC. Intentamos mostrar que, tanto em perspectiva diacrônica quanto em perspectiva sincrônica, Aspecto condiciona a variável sob análise.

O fenômeno ora analisado constitui uma variável conforme abordagem laboviana: dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável (LABOV, 1978). No escopo da Teoria da Variação, investigam-se diferentes formas para indicar uma mesma função (seja em

¹ Professora da Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: acb@unesc.net

² Professora da Universidade Federal do Ceará. E-mail: coanmalu@ufc.br

³ As considerações apresentadas neste artigo baseiam-se em resultados das pesquisas de Coan (1997 e 2003) e em discussões teóricas apresentadas em Back (2008).

fonologia, seja em outros níveis), desde que alguns critérios delimitem a variável em questão para que o mesmo significado representacional não seja contestado.

Na primeira seção, apresentamos algumas considerações sobre a categoria Aspecto (como tipo de situação e como visão de situação); mais especificamente, tratamos da tipologia proposta por Vendler (1974 [1967]) em que são analisados os tipos de situação codificados pelas formas verbais. Na sequência, apresentamos a categoria Aspecto como condicionamento das variantes sob análise. Nesta seção, haverá exemplos e explicações referentes aos resultados estatísticos tanto em perspectiva diacrônica, quanto em perspectiva sincrônica; ao final da seção, discutimos o princípio do uniformitarismo: alguns mecanismos que operaram para produzir mudanças no passado podem estar operando nas mudanças correntes (LABOV, 1972).

1. Aspecto

Nesta primeira seção, apresentamos duas propostas de análise aspectual: a primeira refere-se ao tipo de situação, proposta assentada na tipologia verbal quadripartida de Vendler (1974 [1967]) a qual contempla os seguintes tipos verbais: *atividades*, *accomplishments*, *achievements* e *estados*. A segunda trata das noções de perfectividade e imperfectividade. A análise dos dados pauta-se na noção de Aspecto como tipo de situação, pois intentamos mostrar que os tipos verbais motivam o uso variável dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito. Para delimitação da regra variável, entretanto, consideramos, além de outros critérios (tempo, modalidade, ponto de referência e ordem dos constituintes oracionais), Aspecto no sentido de visão da situação, ou seja, consideramos somente formas perfectivas.

1.1 Aspecto: tipo da situação

Consideramos, para análise dos dados, Aspecto como tipo de situação⁴, por isso aludimos à proposta de Vendler (1974 [1967]). A tipologia verbal quadripartida proposta por Vendler (*op.cit.*) é constituída pelos seguintes tipos de verbos: *atividades*, *accomplishments*, *achievements* e *estados*⁵. Essa classificação, conforme Godoi (1992, p.21), “é ontológica, representa as categorias situacionais que são partes do mundo como nós o percebemos e conhecemos (...) A quadripartição é feita no nível lexical como em Aristóteles⁶ (1984) e Kenny⁷ (1963) (...) Mas Vendler parece estar ciente de que suas categorias dizem respeito a expressões sintaticamente complexas, sendo exemplar o caso de complementos verbais (objetos ou adjuntos) que determinam a categoria a que o verbo pertence” (*João correu. versus João correu cem metros.*).

A consideração feita por Godoi (*op.cit.*) a respeito do trabalho de Vendler chama a atenção no sentido de se levar em conta as relações estabelecidas no eixo sintagmático, uma vez que um constituinte pode alterar o significado de outro quando relacionados. Segundo a autora (*op.cit.*, p.164), “trabalhar com as classes aspectuais isoladas, listando-as no infinitivo ou apresentando-as num único tempo (passado), torna-se uma espécie de círculo vicioso.”

⁴ Pode o Aspecto ser descrito, também, como visão da situação (descrição perfectiva ou imperfectiva da situação referida pelo verbo), o que será explicitado na subseção 1.2, já que essa noção nos serviu para a delimitação da variável.

⁵ Preferimos traduzir apenas *activities* e *states* para *atividades* e *estados*. *Achievement* e *accomplishment* deixamos na forma original para assegurar a distinção. *Achievement* é entendido como uma realização pontual e *accomplishment*, como uma realização que envolve um determinado período de tempo.

⁶ ARISTOTLE. “Metaphysics”. In: **The Complete Works of Aristotle**. The revised Oxford Translation II, Princeton, 1984.

⁷ KENNY, A. **Action, Emotion and Will**. London, 1963.

Conforme Verkuyl⁸ (1972 *apud* GODOI, 1992): a natureza aspectual não depende apenas do verbo, mas também dos outros constituintes do enunciado (argumentos do verbo).

Para Rothstein (2004), as classes aspectuais de Vendler se assentam em duas propriedades, a saber: 1) a situação expressa um ponto final; 2) a situação pode ser vista em termos de seu progresso no tempo. Considerando-as, tem-se a oposição *mais télico* ou *menos télico*, o que permite o agrupamento de *achievement* e *accomplishment* por um lado; e, por outro, o agrupamento de estado e atividade. Portanto, há os [+ télicos] como aqueles que denotam um movimento em direção a um ponto final; já os [- télicos] podem, a partir de seu início, continuar indefinidamente, uma vez que não se determina uma culminância.

Vendler (1974 [1967], p.106) caracteriza os verbos de atividade da seguinte forma: “*For activities: A was running at time t means that time instant t is on a time stretch throughout which A was running.*” Para o autor, atividades não precisam de um término, sendo verdadeiras mesmo quando interrompidas. Godoi (1992), interpretando Vendler, caracteriza atividades como situações de duração temporal indefinida, não envolvendo culminação.⁹ A esse respeito, Givón (2001; 2005) observa que os verbos de *atividade* (processo), cuja situação pode apresentar certa duração, podem colocar em evidência a nuance inicial ou final, mas os limites não são focalizados. O que interessa é o processo. Pode-se, então, correlacionar a proposta de Givón (*op. cit.*) à de Vendler (1974 [1967]), segundo a qual esses verbos não possuem um término fixado; o traço de continuidade [+ contínuo] ocorre de maneira homogênea¹⁰: qualquer parte do processo é da mesma natureza que o todo.

Expressando de certa forma o mesmo dinamismo dos verbos de atividade, os *accomplishments* referem-se a um segmento inteiro de tempo. Uma situação do tipo *accomplishment* deve necessariamente evidenciar o ponto final. Conforme Vendler (*op.cit.*), se “*A was drawing a circle at t means that t is on the time stretch in which A drew that circle.*” Assim, se alguém estava desenhando um círculo e parou, não podemos dizer que esse alguém desenhou o círculo. Há necessidade de completude. De acordo com Guentner, Hoepelman e Rohrer¹¹ (1978 *apud* GODOI, 1992, p.152), “a diferença entre atividades e *accomplishments* se deve ao fato de que *accomplishments* denotam ações que têm um fim natural.” (Vê-se, nesse caso, a relevância do complemento do verbo para a análise).¹² Observações de Givón (2001; 2005) corroboram o exposto: os *accomplishments* englobam verbos que codificam a realização ou a completude de uma dada situação, que em si pode ser de duração mais longa do que os casos de verbos compactos (*achievements*), embora a perspectiva comunicativa focalize a delimitação (término do evento); portanto, também possuem a propriedade de serem télicos, contudo essa telicidade não está propriamente no

⁸ VERKUYL, H. J. **On the Compositional Nature of the Aspects**. Doct. Diss., Dordrecht, 1972.

⁹ Um teste para a categorização de atividades provém da relação dessas com advérbios temporais. Verbos de atividade, segundo Vendler, não co-ocorrem com locuções adverbiais do tipo *em uma hora* (nesse caso, teríamos um *accomplishment*), somente com locuções adverbiais durativas (*durante uma hora*). Uma pergunta apropriada para considerar uma situação como atividade é aquela que evidencia uma duração no tempo: “*Por quanto tempo...*”. Também, segundo o autor, é possível testar o verbo de atividade através do acarretamento com o verbo *stop*; assim, *João parou de andar* implica *João andou*, mas *João* não precisa necessariamente ter completado um determinado trecho e inclusive pode ter parado muitas vezes durante a atividade (não se marca a delimitação).

¹⁰ Para Bertinetto (2001), homogeneidade é uma propriedade dos verbos de atividade e refere-se à ausência de um limite interno a uma situação. Essa propriedade também está presente nos estativos. Para maiores detalhes, ver Freitag (2007).

¹¹ GUENTNER, F., HOEPELMAN, J., ROHRER, C. “*A note on the passé simple*”. In C. Rohrer (ed.). **Papers on Tense, Aspect and Verb Classification**. Tübingen, Narr, 1978.

¹² É possível testar os *accomplishments*, conforme Vendler, com advérbios temporais do tipo “*em uma hora*”. O autor diz que este tipo de verbo não ocorre com advérbios durativos. A utilização de um advérbio durativo em uma construção do tipo *accomplishment*, conforme Godoi (*op.cit.*), altera o tipo de verbo. Assim, *pintar em “João pintou o quadro durante uma hora”* é uma atividade. Já *João pintou o quadro em uma hora* é um *accomplishment*.

verbo, mas naquilo que sua semântica projeta em termos de complementos verbais¹³. Nesse caso, o complemento objeto é necessário para a delimitação da situação.

Os *achievements* referem-se a situações pontuais. De acordo com Vendler (*op.cit.*), esses verbos captam o começo ou o clímax de uma situação e não podem acontecer em uma extensão temporal. Esse tipo verbal pode ser assim caracterizado: “*A won a race between t_1 to t_2 means that the time instant at which A won that race is between t_1 and t_2 .*” (p.106). Somente é possível dizer que alguém ganhou uma corrida, se realmente ganhou em um instante de tempo. A diferença entre *accomplishment* e *achievement* está no tempo envolvido: o primeiro tipo de verbo pode durar em uma extensão de tempo (uma hora); o segundo deve ocorrer em um determinado instante do tempo. Se obtivermos uma resposta apropriada às questões: “*Em que hora...*” ou “*Em que momento...*”, estamos diante de uma situação do tipo *achievement*.¹⁴ Givón (2001, 2005) observa que os verbos *achievements* (compactos), codificados por rígida delimitação de tempo, descrevem situações de duração extremamente curta do ponto de vista temporal. Possuem a propriedade de delimitação (inceptivo/terminativo), marcando o início ou a finalização da situação de forma instantânea. Essa elaboração se enquadra na proposta de Vendler (1974 [1967]), para quem os *achievements* possuem o traço [- contínuo] em função de ocorrer em um momento único: denotam um momento único, instantâneo, ou seja, *uns chegam ao cume, ganham a competição, marcam ou reconhecem alguma coisa*, e assim por diante, em um dado momento definido.

Situações estáticas ocorrem em todos os instantes de um período de tempo. Vendler (*op.cit.*) faz a seguinte caracterização para estados: “*A loved somebody from t_1 to t_2 means that at any instant between t_1 and t_2 A loved that person*” (p. 106). Um verbo de estado tem valor de verdade se ocorrer em todos os pontos de um determinado período. A pergunta relevante é, como no caso das atividades, “Por quanto tempo?”, mas, diferentemente das atividades, os estados são situações que perduram por um determinado número de instantes temporais, sem possibilidade de divisão em fases. É claro que se pode, por exemplo, saber sobre um assunto, esquecê-lo e saber sobre ele outra vez, mas não é possível dividir os momentos de **saber**.¹⁵

O grupo dos estativos é constituído de elementos díspares, em função de recobrir uma classe na qual se constata situações *de posse, existenciais e cognitivas*, a exemplo de *pensar* que denota, certamente, um nível de atividade¹⁶. Tanto isso é uma variável importante a considerar, que Bertinetto (1991), por exemplo, adota, como critério, a posição de que deve ser subdividida, distribuindo-se em subclasses. Já Givón alerta para essa falta de uniformidade, mas não refina, conceitualmente, a classe. Rothstein (2004), diante dos verbos estativos, a exemplo de Vendler (1974 [1967]), observa que nessa classe há a propriedade de

¹³ Note-se que a definição de Aspecto envolve composicionalidade.

¹⁴ Alguns *achievements* partilham com os estados o traço “*ser capaz de*”, mas a expressão “*ser capaz de*” funciona para *achievements* que não são ações voluntárias como *reconhecer*. Por exemplo, *ser capaz de reconhecer* implica *reconhecer*.

¹⁵ Em inglês, verbos de estado não podem ocorrer no gerúndio, o que, em princípio, diferencia o estado de outras situações. Godoi (1992), entretanto, argumenta que é possível que verbos de estado ocorram no progressivo em Português e mesmo em Inglês. Outro teste para detectar verbos de estados é tentar a combinação do tipo *forçar a, persuadir a ou iniciar a* + verbo de estado, que deve ser impossibilitada com este tipo de verbo, já que tal construção implica a existência de sujeito agente. Ainda, é possível testar os estados pela não co-ocorrência, em alguns casos, com a expressão *acabar de*, uma vez que *acabar* é um *achievement* e indica a entrada em uma fase, não a fase em si mesma. Outra possibilidade de diferenciação é considerar a expressão *ser capaz de* associada ao verbo em questão: *ser capaz de correr* ou *escrever uma carta* não significa *correr* ou *escrever uma carta*; já *ser capaz de saber, amar, ver* significa *saber, amar, ver*. Vendler diz, também, que os verbos estativos não ocorrem no imperativo, ao que Godoi (1992) contra-argumenta dizendo que é possível encontrar, mesmo em Inglês, a língua analisada pelo autor, enunciados como *Be quiet!* Em português, ocorre: *seja inteligente, faça isso!*

¹⁶ Na análise da amostra diacrônica, além da tipologia de Vendler, operamos com mais três classes semânticas: *dicendi*, cognição e modal.

ser indivisível em fases. Para Givón (2001), os estativos descrevem situações de duração relativamente longa, cujos limites de início e término não estão em evidência, a menos que o verbo esteja marcado por um aspecto gramatical específico.

O que foi apresentado acima pode passar a ilusão de que a tipologia de Vendler serve apenas para categorizar verbos. Entretanto, Verkuyl (1972) e Dowty (1972-79) referem-se à essa tipologia como servindo à classificação de significados sentenciais e não apenas dos verbos; assim, sujeito, objeto, tempo verbal e advérbios temporais exercem função em determinar a que classe uma expressão pertence (*apud* Moens, 1987).

Pudemos, então, notar que Aspecto é uma categoria que compõe a significação das formas verbais, mas que pode ter seus traços básicos alterados em função da conjugação da forma verbal com outras categorias gramaticais no discurso. Ou seja, para captarmos a aspectualidade da situação no discurso, para além do aspecto inerentemente lexical, entra em jogo, então, uma espécie de composicionalidade, abarcando não só fatores semânticos/lexicais, morfológicos (flexão verbal) e sintáticos (presença de modificadores), mas também fatores pragmáticos/estilísticos. A partir das classes de Vendler, Peres (1993) depreende dois traços/matizes de significado: dinâmico e terminativo¹⁷. Observe-se o quadro abaixo:

	+ DINÂMICO	- DINÂMICO
+ Terminativo	<i>Accomplishments</i>	<i>Achievements</i>
- Terminativo	Atividades	Estados

Quadro 01: As classes da Vendler e os traços dinamicidade e telicidade

1.2 Aspecto: visão da situação

No sentido de visão da situação, Aspecto é definido como “diferentes modos de ver a constituição temporal interna de uma situação.” Esses diferentes modos são representados pelos aspectos perfectivo e imperfectivo (COMRIE, 1981, p.03). Perfectividade indica a visão de uma situação como um todo único, sem distinção das fases que a constituem; enquanto que o imperfectivo presta especial atenção à estrutura temporal interna da situação (COMRIE, *op. cit.*, p.16).

Tendo em vista a perspectiva comunicativa, Givón (2001, p. 289) chama a atenção para o fato de que qualquer um dos quatro tipos de verbo (*achievement*, *accomplishment*, de atividade e de estado) pode ser adicionalmente marcado com um aspecto gramatical específico, alterando o foco da perspectiva comunicativa. Por exemplo: verbos inerentemente *compactos* (*achievements*) aparecem, no discurso, predominantemente no Aspecto perfectivo, mas quando ocorre a combinação compacto + imperfectivo, o resultado tende a ser um sentido *frequentativo/repetitivo* (*ele atirou* (= deu um tiro); *ele costumava atirar*); da mesma forma, verbos inerentemente *accomplishments*, quando associados a Aspecto imperfectivo, tendem a resultar numa interpretação *habitual, frequentativa* (*ele saiu de casa*; *se ele sempre saísse de casa*). O que queremos dizer é que, em se tratando do caráter composicional em jogo, verbos de uma categoria eminentemente perfectiva passam, em função de expressarem extensão temporal, a caminhar para a imperfectividade ou a listar recorrência perfectiva no passado (fatos plurais, segundo COSTA, 1997).

Encontra-se, frequentemente, uma correlação entre aspecto perfectivo e situação de curta duração, por um lado, e entre aspecto imperfectivo e situação de longa duração, por

¹⁷ O traço ‘terminação’ também é abordado por Givón (1984): o aspecto durativo constrói um evento como não tendo nenhuma delimitação inicial ou terminal. Em contraste, o aspecto pontual constrói um evento como tendo tais delimitações. A delimitação pode ser dada pelo ponto de referência.

outro. Para Comrie (1981), porém, é possível utilizar ambos os tipos aspectuais para fazer referência a uma extensão temporal, o que vale dizer que uma situação perfectiva pode ser vista em fases, ou seja, pode apresentar estrutura interna, desde que isso não afete a sua visão como um todo único. Já o imperfectivo sofre restrições que o impedem de ser utilizado para indicar um situação vista em sua globalidade. Givón (2001) ilustra essas duas perspectivas (perfectiva/imperfectiva) por meio de abertura e profundidade de lentes, cuja idéia foi desenvolvida por Comrie (1976) como “metáfora da lente”: ponto de vista perfectivo – lentes profundas e abertura delimitada no eixo temporal; ponto de vista imperfectivo – lentes superficiais e abertura ilimitada no eixo temporal. Com relação à *perfectividade*, a situação é vista como se estivesse longe/distante, como um objeto pequeno, compacto e bem delimitado, o que é o protótipo cognitivo (semântico) de uma situação que apresenta uma mudança rápida e, perceptualmente, saliente. Trata-se de uma ação iniciada por meio da vontade de um agente e cujas consequências afetam, de modo contundente, o paciente da situação em jogo; já da perspectiva do imperfectivo, tem-se a situação vista como se estivesse próxima; duradoura, ilimitada. (GIVÓN, 2001; 2005)

Nesta pesquisa, a visão da situação, especificamente, o olhar perfectivo, foi crucial para a definição da variável: foram considerados dados em que a situação, seja no mais-que-perfeito, seja no perfeito, é vista como um todo único, sem distinção de fases. A relevância dessa consideração decorre do fato de analisarmos situações passadas anteriores a outras passadas, mas não, necessariamente, todas as situações, apenas as perfectivas, conforme veremos na seção que segue. Uma vez delimitada a variável, analisamos Aspecto no sentido de tipo de situação, com o propósito de verificar quais tipos verbais (com base na proposta de Vendler, apresentada na subseção 1.1) motivam ou restringem o uso de uma ou outra forma sob análise (pretérito mais-que-perfeito/perfeito).

2 Atuação do Aspecto (como tipo de situação) na variação entre pretérito mais-que-perfeito e pretérito perfeito simples

Esta seção está subdividida em três subseções: o papel do Aspecto em uma amostra sincrônica; o papel do Aspecto em uma amostra diacrônica e considerações sobre uniformitarismo. Nas duas primeiras, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados, os resultados estatísticos e comentários de natureza funcionalista (especificamente sobre marcação) que visam a explicar os resultados obtidos. Na última subseção, tratamos do princípio do uniformitarismo, com vistas a exibir que tendências verificadas em sincronia são similares às observadas em diacronia, do que se desdobra a seguinte observação: os mesmos condicionamentos que estão atuando no presente operaram no passado.

2.1 O papel do Aspecto – amostra sincrônica

Nesta seção, apresentamos, inicialmente, os procedimentos metodológicos utilizados para análise variável dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito. Na sequência, destacamos a atuação do grupo de fator aspectual, o qual foi configurado a partir da proposta de Vendler (1974 [1967]), proposta explicitada na seção anterior.

Embora a observação empírica inicial da variação tenha se dado a partir de formas concretas de codificação gramatical, a saber, o uso alternado do pretérito mais-que-perfeito e do pretérito perfeito, o reconhecimento da função discursiva foi determinante para a delimitação da variável. Na análise, seguimos, então, a direção Função → Forma. Partimos de uma função geral: ‘anterioridade a um ponto de referência passado’, e não de formas concretas de codificação gramatical. Essa opção teórico-metodológica nos deixaria, entretanto, muito à mercê de nossas intuições, caso não dispuséssemos de critérios os mais objetivos possíveis para a operacionalização do fenômeno em estudo. Daí a decisão de

estabelecermos algumas restrições que permitissem filtrar, com margem razoável de segurança, os dados para a análise.

Os dados foram, primeiramente, selecionados a partir de um diagrama temporal, em que se estabelece uma relação, um vínculo de anterioridade entre a situação que representa o fenômeno em estudo e um outro tempo passado - que se constitui em ponto de referência¹⁸ para a primeira, conforme representação abaixo:



Imposta essa restrição, foram excluídos da análise: casos de passado que representam posterioridade a um ponto de referência passado, anterioridade relativamente ao tempo de fala e habitualidade.

Conforme mencionado na primeira seção, subseção 1.2, o aspecto, de acordo com Comrie (1990), é o modo de ver a constituição temporal interna de uma situação. Existem dois tipos aspectuais: perfectivo e imperfectivo. Como Comrie, admitimos que o aspecto perfectivo indica a visão de uma situação como um todo único, ao passo que o aspecto imperfectivo faz referência explícita à constituição temporal interna de uma situação. A restrição aspectual atua, então, filtrando as formas de aspecto perfectivo e restringindo as imperfectivas. A função a ser investigada recebe uma especificação: anterioridade *perfectiva* a um ponto de referência passado. Assim, permanecem como dados potenciais de análise formas no pretérito perfeito e no mais-que-perfeito. Quando temos situações perfectivas sequenciais codificadas iconicamente, de acordo com a ordem de sucessão cronológica, o tempo verbal por excelência que as representa é o pretérito perfeito do indicativo. Nesse caso, todas as situações, embora mostrando relação de anterioridade/posterioridade já que sequenciais, se situam em relação ao tempo de fala, que se constitui em ponto de referência para cada uma delas. O pretérito perfeito sequencial foi descartado por estar ancorado no tempo de fala. Desconsiderando o pretérito perfeito sequencial, fomos obrigados a excluir, também, o pretérito mais-que-perfeito sequencial. Dessa maneira, trataremos de casos de contrassequencialidade (nesses, a forma no mais-que-perfeito ou perfeito, embora codificada depois de uma situação passada, ocorreu anteriormente a essa situação). Além dessas restrições, consideramos a substituição, ou seja, consideramos como dados válidos somente os que permitem a substituição do perfeito pelo mais-que-perfeito e vice-versa, sem alteração de significado referencial, como nos dados que seguem:

(01) Qual a minha surpresa, que nesse ínterim, *começou a aparecer* várias dívidas que o Osni TINHA CONTRAÍDO...(FLP 23, L205)¹⁹

(02) Mal voltando um pouquinho no tempo do empório, que eu *tinha* um armazém, eu CONTRAÍ uma dívida, entende, bancária pra poder assumir aquele empório...(FLP 23, L239)

Consideramos as ocorrências acima como casos de variação, porque é incontestável que possuam o mesmo significado representacional. A ocorrência de **tinha contraído** e

¹⁸ Situações no passado, no presente e no futuro, vinculadas ao tempo de fala, tomam esse tempo como ponto de referência, mas é possível que uma situação que tenha como ponto de referência o tempo de fala possa constituir-se ela mesma em ponto de referência para outra situação que lhe é anterior ou posterior. Para caracterizar situações na linha temporal, pode-se utilizar a estrutura de três pontos apresentada por Reichenbach (1947): o momento do evento (ME), o momento de referência (MR) e o momento de fala (MF).

¹⁹ FLP refere-se à cidade: Florianópolis; 23 refere-se ao número da entrevista e L205, ao número da linha.

contraí pelo mesmo informante e a possibilidade de intercambiar essas formas demonstram variação.

O envelope da variação considerado nesta pesquisa engloba as formas de pretérito mais-que-perfeito composto e perfeito simples (desde que, nos enunciados, sejam anteriores a um ponto de referência diferente do momento de fala, sejam perfectivas, estejam em codificação contrassequencial e possam ser intercambiáveis). O pretérito mais-que-perfeito simples²⁰ não será considerado na análise sincrônica, uma vez que o *corpus* aqui examinado é de fala e essa forma foi encontrada apenas em enunciados exclamativos que mencionam uma expectativa futura, portanto destituída de seu valor temporal básico (conforme exemplo (3)).

(03) TOMARA que eu esteja enganado! (FLP 21, L666)

Para esta análise, foram utilizadas trinta e seis entrevistas de Florianópolis, cada uma com cerca de uma hora de duração. As gravações fazem parte do *corpus* do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul). Este Projeto, envolvendo quatro Universidades do Sul do país (UFSC, UFPR, UFRGS e PUC-RS), organizou um Banco de Dados Linguísticos com o objetivo de descrever fenômenos de variação e mudança nas comunidades do Sul. Encontramos, nas trinta e seis transcrições, quinhentos e setenta e seis (576) dados. Esse número, em princípio, parece pequeno para tantas horas de gravação, o que, no entanto, não é nenhuma surpresa devido ao tipo de fenômeno investigado e às restrições impostas.

As entrevistas que utilizamos, com a ressalva do “paradoxo do observador”²¹, aproximam-se do vernáculo. Os dados foram coletados sob orientação metodológica laboviana. Esse tipo de entrevista procura deixar o informante mais à vontade e sugere muitos tópicos que provocam uma descarga emocional. Assim, há um maior envolvimento do informante com o assunto da conversa do que com a situação da entrevista, o que normalmente propicia o vernáculo.

Os dados coletados para esta pesquisa foram analisados quantitativamente no programa computacional VARBRUL (PINTZUK, 1988). Os programas da série VARBRUL produzem resultados numéricos associados ao peso relativo de cada fator no fenômeno variável sob análise. Assim, é possível saber se os grupos arrolados são estatisticamente significativos.²²

Além das quatro categorias verbais apontadas por Vendler (1974 [1967]): *atividades*, *accomplishments*, *achievements* e *estados*, consideramos, ainda, os verbos *dicendi* que, em sua maioria, aparecem como retomadas discursivas, quando representam a situação em análise (vejam-se os exemplos abaixo). Esta classificação à parte tem o propósito de captar nuances que tais verbos devem ter e que seriam atenuadas se englobados em outras categorias.

(04) Mas, eu ia muito pra baile também, como eu já TINHA FALADO anteriormente, ia muito pra baile. (FLP 04, L440)

(05) ... nós morávamos numa chácara, como eu FALEI, a chácara era do seu I... (FLP 08, L802)

²⁰ Segundo Mateus *et al.* (1989:77), “o pretérito mais-que-perfeito simples só ocorre no discurso planejado, em registros muitos formais ou de sabor arcaizante.”

²¹ Conforme Tarallo (2001, p.21), o pesquisador necessita de dados a serem coletados através de sua participação na interação com os falantes. Essa participação, contudo, pode perturbar a naturalidade do evento.

²² Os pesos calculados (...) são interpretados como favoráveis à aplicação da regra, se forem superiores a 0,5; como inibidores, se forem inferiores a 0,5; e como neutros, se forem iguais a 0,5 (...) Entretanto, em princípio, os valores absolutos dos pesos relativos calculados não têm significância analítica; o que importa é a sua ordenação, sendo justamente por isso que se deve preferir o uso do termo RELATIVO. (NARO, 1992, p. 24)

Os resultados iniciais mostraram que a divisão quadripartida baseada principalmente na duração e delimitação não foi relevante; o que se mostrou pertinente foi a oposição quanto ao traço de dinamicidade. Os percentuais associados a cada tipo de verbo foram: *achievement*, 31%; *accomplishment*, 29%; atividade, 35 %; e estado, 13%. A partir destes resultados, foram amalgamados os tipos atividade, *accomplishment* e *achievement* que representam situações dinâmicas; os estados, que representam situações menos dinâmicas, e verbos *dicendi* permaneceram como anteriormente apresentados. A tabela abaixo demonstra os resultados obtidos na análise quantitativa. Esse grupo de fatores foi o terceiro²³ a ser selecionado no geral, mas o primeiro entre os semânticos.

<i>Fatores</i>	<i>Total/n° de dados</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Situações + dinâmicas</i>	348/107	31%	0,63
<i>Situações dicendi</i>	78/08	10%	0,35
<i>Situações – dinâmicas</i>	150/26	17%	0,29
Total	576/141	24%	

Tabela 01 - Tipo de verbo da situação do passado anterior e uso do pretérito mais-que-perfeito

Situações dinâmicas (0,63) condicionam o aparecimento do pretérito mais-que-perfeito. Possivelmente requerem uma forma de codificação marcada, já que são mais salientes por conduzirem a sequência de ações, normalmente em figura²⁴, no fluxo discursivo. Nesse caso, a marcação pode ser explicada também pela complexidade estrutural e pela distribuição de frequência, que são dois dos critérios apresentados por Givón para analisar a marcação: “Categorias que são cognitivamente marcadas (i.e., complexas) tendem a ser marcadas estruturalmente.” (GIVÓN, 1991b, p. 106). O autor apresenta três critérios para se avaliar a marcação (1990, p. 947): (i) Complexidade estrutural - a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada; (ii) Distribuição de frequência - a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada; (iii) Complexidade cognitiva - a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não-marcada.

Por outro lado, situações menos dinâmicas desfavorecem o pretérito mais-que-perfeito. Isso, em princípio, se justifica porque os estados não são salientes do ponto de vista perceptual e, normalmente, correspondem à informação de fundo na cadeia discursiva. Além disso, estados ocupam uma extensão de tempo maior, sendo, então, mais compatíveis com a utilização do pretérito perfeito, que pode evidenciar uma aproximação com o ponto de referência.

Estamos utilizando os critérios de saliência perceptual, complexidade estrutural e distribuição de frequência para considerar o pretérito mais-que-perfeito como a categoria marcada. Note-se, entretanto, que todos os nossos dados em análise (incluindo a variante no pretérito perfeito) são contrassequenciais, por isso, marcados por natureza (GIVÓN, 1995). O pretérito mais-que-perfeito representa, pois, a forma verbal mais marcada e não a estrutura

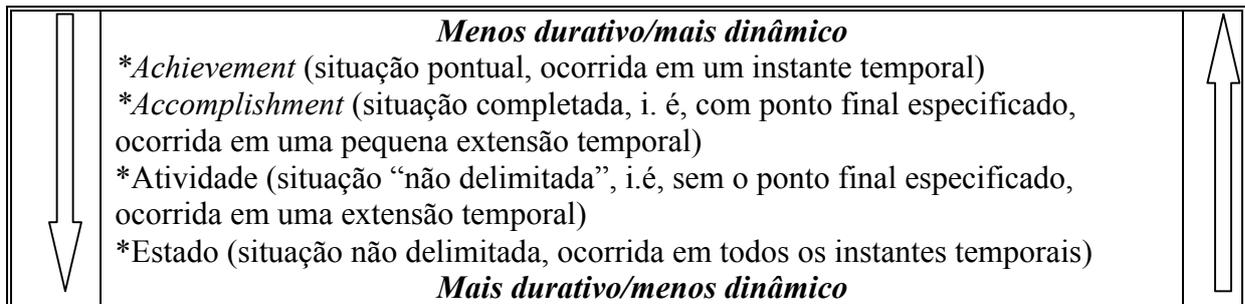
²³ Em relação à variável dependente, foram testados os seguintes grupos de fatores linguísticos: tipo de ponto de referência, tipo e tempo do verbo do ponto de referência, advérbio do ponto de referência, tipo de verbo da situação, advérbio da situação, paralelismo formal e semântico, relação semântico-sintática, animacidade do sujeito e saliência morfológica; e três sociais: sexo, idade e escolaridade. Para informações relativas a esses grupos de fatores, consultar Coan (1997).

²⁴ Koffka (1935/1975) descreve o plano ambiental como duplamente organizado (figura/fundo). A figura constitui o relevo, por isso, é percebida como mais saliente e o fundo aparece como suporte, caracterizando-se como neutro. In: *Princípios da psicologia da Gestalt*. São Paulo: Cultrix.

sintática, em termos de codificação contrassequencial (já que, no caso das duas variantes, a ordem é marcada).

Verbos *dicendi* também desfavorecem o pretérito mais-que-perfeito, de acordo com o previsto. Fortemente caracterizadas como discursivas, retomadas têm por característica lembrar o assunto ao interlocutor e não apresentar uma informação nova.

Com base nos resultados associados aos tipos de verbos, pode-se prever uma distribuição escalar para os pretéritos. Veja-se a escala:



Quadro 02 – Escala aspectual: [+ - durativo] e [+ - dinâmico]

Com base nesta distribuição escalar, pode-se dizer que situações localizadas mais próximas ao topo sejam codificadas com o pretérito mais-que-perfeito, enquanto aquelas mais próximas da base devem ser codificadas com o pretérito perfeito. Tal expectativa justifica-se pelo grau de saliência das situações: aquelas de ocorrência pontual e/ou assinaladas quanto à completude são mais salientes do ponto de vista perceptual, portanto seriam linguisticamente mais marcadas; já aquelas que se desenrolam numa extensão de tempo não delimitada quanto ao seu término são menos salientes, portanto seriam menos marcadas na codificação. Quanto aos verbos *dicendi*, a forma menos saliente é a preferida, uma vez que retomadas discursivas entram no enunciado com função coesiva e como forma de reativar um determinado tópico na lembrança do interlocutor.

2.2 O papel do Aspecto – amostra diacrônica

Considerando-se que o pretérito mais-que-perfeito composto (doravante PMQPC) e o pretérito perfeito simples (doravante PPS) estão em variação, resolvemos investigar a competição entre essas formas e a forma simples do pretérito mais-que-perfeito (PMQPS) em diacronia, do século XVI ao século XX, na codificação de um tempo passado contrassequencial a um ponto de referência passado em relação ao momento de fala.

Serviram à identificação da função: a) o tempo em relação à referência (passado); b) o aspecto (perfectivo); c) a modalidade (campo do *realis*)²⁵; d) a ordenação entre situação e ponto de referência (contrassequencial) e d) o ponto de referência (passado). Essas foram as categorias controladas, pois alterações nessas categorias alteram as funções: por exemplo, considerando-se o tempo de uma situação²⁶ e o ponto de referência, se temos tempo passado e ponto de referência passado, qualquer mudança, seja no tempo, seja no ponto de referência, provoca uma mudança de significado e, conseqüentemente, uma alteração na função: de passado do passado para passado em relação ao presente, futuro em relação ao passado, entre

²⁵ Conforme Givón (2001, p. 301-2), na asserção *realis*, a proposição é fortemente verdadeira, mas pode ocorrer a contestação pelo ouvinte, embora o falante disponha de evidência para defender sua crença. Na asserção *irrealis*, a proposição é fracamente asserida como possível, provável ou incerta (submodos epistêmicos), ou necessária, (in)desejada (submodos avaliativos/deônticos); o falante não está pronto para reforçar a asserção com evidências, logo a contestação pelo ouvinte é prontamente recebida, esperada ou solicitada.

²⁶ Entenda-se *situação* como algo que acontece num mundo possível; *evento*, nos termos de Reichenbach (1947).

outras possibilidades. O diagrama abaixo representa a função controlada nesta análise variável:



O diagrama representa situações em tempo cronológico, tal como ocorreram (o diagrama é icônico); a contrassequencialidade é vista na codificação, quando a referência, que ocorreu cronologicamente depois da situação, é codificada primeiro. O dado (06) ilustra a variação entre *escrevera* e *tinha escrito*; já as ocorrências (07) e (08), a variação entre *fora* e *foi*.

(06) ...Referindo-se S. Lucas no princípio dos Actos dos Apóstolos, como TINHA ESCRITO o seu Evangelho, diz uma cousa muito notável, e é, que nele ESCREVERA tudo o que Cristo começou a fazer e ensinar. (Sermões - Pe. Antônio Vieira, p. 290).

(07) ...e *frecharam outroz* como FORA o ano passado... (Autos da Devassa contra os Índios Mura e Nações do Rio Tocantins, p. 23)

(08) ...matando e *frechando* Como FOI o *anno pasado* ao Cabo da Canoa *doz* Tapajoz... (Autos da Devassa contra os Índios Muras e Nações do Rio Tocantins, p. 29).

Na seleção dos *corpora*, foram respeitados os seguintes critérios: a) seleção de material a partir do século XVI, início da normatização explícita em Língua Portuguesa; b) escolha de gêneros discursivos que podem refletir alguns padrões próprios da linguagem oral: cartas, depoimentos, peças teatrais, novelas, contos populares, sermões domésticos e c) análise de comentários do autor sobre o caráter (popular, formal) da obra.

Século XVI	Teatro de Gil Vicente; teatro de Anchieta; cartas de Camões; carta de Antônio Ferreira; novela de Francisco de Moraes; novela de Bernardim Ribeiro; contos de Gonçalo F. Trancoso.
Século XVII	Cartas de Mariana Alcoforado; Diálogos das Grandezas do Brasil - Fernandes Trancoso; sermões do Pe. Antônio Vieira.
Século XVIII	Depoimentos dos Autos da Devassa contra os Índios Muras e Nações do Rio Tocantins; Compêndio Narrativo do Peregrino da América - Nuno M. Pereira.
Século XIX	Teatro de Martins Pena; Teatro de França Júnior.
Século XX	Teatro de Arthur Azevedo; Teatro de Gastão Tojeiro; Teatro de Silveira Sampaio; Teatro de Humberto Cunha.

Quadro 03 – *Corpora* diacrônicos

A categoria Aspecto foi analisada conforme tipologia proposta por Vendler (1974 [1967]): atividade, *accomplishment*, *achievement* e estado. E, além dessas, outras três: verbo dicendi, de cognição e verbo modal. Com a tipologia de Vendler, captamos os traços de dinamicidade e duração; considerando-se apenas as categorias mais amplas que se relacionam à visão da situação, perfectivo/imperfectivo, estaríamos focalizando somente a duração.²⁷

Procedemos à análise estatística no programa VARBRUL em três etapas: na primeira, consideramos o PMQPS como aplicação da regra; na segunda, o PMQPC; por fim, o PPS. Entenda-se por aplicação da regra a forma prevista para a codificação da função. Considerando-se o maior número de dados de PMQPS no *corpus* diacrônico e a prescrição

²⁷ Além do Aspecto, foram controlados os seguintes grupos de fatores linguísticos: tipo de modalidade; tipo de ponto de referência e relação semântico-sintática entre situação e ponto de referência. Também controlamos o grupo extralinguístico *século*. Os resultados associados a esses grupos não serão abordados aqui, pois nossa proposta, para este artigo, centra-se na análise aspectual. Para maiores informações, consultar Coan (2003).

gramatical acerca do PMQPS como forma que codifica um passado do passado, analisamos, primeiramente, o PMQPS como aplicação da regra; porém, resolvemos analisar as outras duas formas também como aplicação para evidenciar se os condicionamentos são os mesmos ou não. A vantagem da análise quantitativa é permitir uma avaliação mais precisa, menos impressionística, obrigando o linguista a buscar categorizações mais objetivas. Nesse sentido, os números não valem por si mesmos, mas funcionam como ponto de partida para a interpretação (CALLOU, OMENA E PAREDES DA SILVA, 1991, p. 20). Segundo Givón (1984, p. 11): “...o estudo sistemático e quantificado da sintaxe no discurso serve como uma transição necessária e natural para relacionar a língua e a comunicação com os processos cognitivos.”

O grupo tipo de verbo não foi selecionado estatisticamente quando arrolamos o PMQPS como aplicação da regra. Já para o PMQPC, o grupo foi selecionado. O traço dinamicidade (0,67 para *achievement* e 0,64 para *atividade*) atrai o uso do PMQPC, estando, portanto, em consonância com os resultados obtidos por meio da amostra sincrônica, conforme veremos na tabela (02).

<i>Fatores</i>	<i>Total/nº de dados</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Achievement</i>	27/72	38%	0,67
Atividade	12/46	26%	0,64
Cognição	10/23	43%	0,57
Estado	06/46	13%	0,20
Dicendi	01/10	10%	0,13
<i>Total</i>	56/197	28%	

Tabela 02 – Tipo de verbo da situação e uso do PMQPC em oposição ao PMQPS e PPS

Correlacionando os resultados obtidos aos séculos considerados na pesquisa (XVI a XX), verificamos, conforme tabela abaixo, que o PMQPC tende a se fixar na função de passado em lugar do PMQPS, em contextos mais dinâmicos do tipo *achievement* e *atividade* (de 14% e 16%, no século XVI, a 68% e 50%, no século XX, respectivamente) e no campo do conhecimento, a partir do século XVIII (50% e 67% para verbos de cognição), o que mostra que essa forma começa a se espalhar para outros campos (menos dinâmicos, mais durativos).

<i>TIPO DE VERBO</i>	<i>SÉCULO XVI Apl. /Total/ %</i>	<i>SÉCULO XVII Apl. /Total/ %</i>	<i>SÉCULOS XVIII-XIX²⁸ Apl. /Total/ %</i>	<i>SÉCULO XX Apl./Total/ %</i>
<i>Achievment</i>	03/22/14%	06/15/40%	03/13/23%	15/22/68%
Cognição	00/02/00	00/05/00	02/04/50%	08/12/67%
Dicendi	00/00/00	00/03/00	00/03/00	01/04/25%
Estado	01/19/05%	03/06/50%	01/10/10%	01/11/09%
Atividade	03/19/16%	03/14/21%	02/05/40%	04/08/50%

Tabela 03 – Tipo de verbo da situação e uso do PMQPC por século

²⁸ Na amalgamação dos séculos XVIII e XIX, levamos em conta os seguintes critérios: a) número de dados (há poucos dados para cada século e a amalgamação possibilita uma aproximação numérica com os outros séculos, e não há dado, no material analisado, de mais-que-perfeito para o século XIX); b) periodicização literária (as produções literárias, até meados do século XIX, refletem o Neoclassicismo, característico do período anterior; e, somente na segunda metade do século XIX, aparecem produções do romantismo que evocam o nacionalismo) e c) análise do nível de significância da amalgamação do século XIX com o século XVIII e da amalgamação do século XIX com o século XX.

Com o PPS como aplicação da regra, também o grupo tipo de verbo foi selecionado, evidenciando-se um uso significativo com verbos *dicendi* e de *estado*. Como o PMQPC se associa a verbos mais dinâmicos, tende o PPS a indicar passado anterior a um ponto de referência passado em contextos menos dinâmicos, conforme mostra a tabela abaixo.

<i>Fatores</i>	<i>Total/n° de dados</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Achievement</i>	12/72	17%	0,32
Cognição	05/18	28%	0,48
Dicendi	04/10	40%	0,61
Estado	25/46	54%	0,74
Atividade	15/46	33%	0,53
Modal	01/05	20%	0,37
<i>Total</i>	62/197	31%	

Tabela 04 – Tipo de verbo e uso do PPS em oposição ao PMQPS e PMQPC

A correlação entre tipo de verbo e século (na tabela abaixo) mostra aumento significativo do PPS com verbos de estado (de 47%, no século XVI, a 91%, no século XX). Em comparação com a atuação do PMQPC, observa-se que, no século XX, este é mais usado em contextos mais dinâmicos, o que abre um campo de atuação para o PPS: o de verbos de estado.

<i>TIPO DE VERBO</i>	<i>SÉCULO XVI Apl. /Total/ %</i>	<i>SÉCULO XVII Apl. /Total/ %</i>	<i>SÉCULOS XVIII-XIX Apl. /Total/ %</i>	<i>SÉCULO XX Apl./Total/ %</i>
<i>Achievement</i>	05/22/23%	01/15/07%	03/13/23%	03/22/14%
Cognição	00/00/00	02/04/50%	00/02/00	03/12/25%
Dicendi	00/00/00	00/03/00	02/03/67%	02/04/50%
Estado	09/19/ 47%	00/06/00	06/10/60%	10/11/ 91%
Atividade	04/19/21%	05/14/36%	02/05/40%	04/04/50%

Tabela 05 – Tipo de verbo da situação e uso do PPS por século

2.3 Uniformitarismo

Tendo sido evidenciada a variação num momento sincrônico, atual, por exemplo, volta-se ao passado para o encaixamento histórico das variantes, fechando o ciclo com a chegada novamente ao presente (TARALLO, 1994); desse modo, pode-se observar (ou não) a manifestação da doutrina do **uniformitarismo**, qual seja: alguns mecanismos que operaram para produzir mudanças no passado podem estar operando nas mudanças correntes (Labov, 1972)²⁹. Como diria Mattos e Silva (2006, p. 16), “variações do presente, heranças do passado”, ou melhor, “o passado se esgueira pelo presente e pode clareá-lo”. A autora observa que “os dados empíricos das línguas em uso no presente abrem portas para a compreensão de aspectos de períodos passados,” em contrapartida “os dados empíricos de períodos passados fornecem elementos para a explicitação de fenômenos em uso no presente”, a exemplo do que este nosso estudo aponta, em termos das correlações aspectuais, que

²⁹ “O conhecimento de processos que operaram no passado pode ser inferido via observação de processos que se iniciam no presente” (CHRISTY, 1983 *apud* LABOV, 1994 p. 21). Assim, parece que a Linguística aceitou o princípio do uniformitarismo e suas consequências como a Geologia, Biologia e outras ciências históricas têm feito. Mas a implementação do uniformitarismo requer contato com os processos atuais de mudança (LABOV, 1994, p. 22).

operam no presente e que também já atuaram no passado. Esse olhar analítico privilegiando ambas as dimensões – sincronia e diacronia – para explicar os fenômenos está associado ao enfoque pancrônico.

Conforme Lass (1980), para a argumentação histórica ter força epistêmica, ela deve, também, ser essencialmente sincrônica (um tempo onde todas as coisas eram diferentes não pode, em princípio, ser reconstruído, deve haver alguma ligação) – princípio do uniformitarismo. Ainda conforme o autor, o objetivo de uma investigação histórica é produzir conhecimento sobre o passado, mas provas/testemunhos não são o passado. É somente o ato intelectual que os engatilha em sequências coerentes, quando interpretamos esses dados com base em teorias. Assim sendo, uma teoria de mudança linguística deve articular presente-passado-presente.

O propósito do princípio não é negar que novas coisas venham a existir, já que a fascinação pelo passado decorre, precisamente, de sua diferença do presente; pode ser que alguns processos tenham existido somente no passado. (LASS, 1980). Entretanto, o encontro presente-passado-presente pode suscitar processos que tendem a continuar ocorrendo, de modo a superar a visão dicotômica diacronia/sincronia, entrando em cena o enfoque pancrônico, em face da investigação histórica dos fatos linguísticos e da descrição interpretativa em sincronia, que estão em interação constante (OLIVEIRA, 2003). Certamente, ganha-se em poder explanatório ao imprimir dinamismo às análises. Em consonância com o exposto, podemos fazer lembrar Coseriu, para quem:

A língua se faz [...]: é um fazer-se num quadro de permanência e continuidade... Mas o fato de se manter parcialmente idêntica a si mesma e o fato de incorporar novas tradições é, precisamente, o que assegura a sua funcionalidade como língua e o seu caráter de objeto histórico. Um objeto histórico só o é, se é, ao mesmo tempo, permanência e sucessão. (1979, p. 238)

Em relação à categoria Aspecto, especificamente, no sentido de tipo de situação, percebemos que a distribuição de probabilidades tem sido em princípio a mesma que agora. A análise evidenciou, tanto em perspectiva sincrônica quanto em perspectiva diacrônica, as mesmas tendências: em sincronia, vimos que situações mais dinâmicas condicionam o uso da forma composta do pretérito mais-que-perfeito; situações menos dinâmicas e *dicendi* (casos de retomada discursiva) favorecem o uso do perfeito. Em diacronia, verbos do tipo *achievement* e atividade (situações mais dinâmicas) favorecem o pretérito mais-que-perfeito composto, em contrapartida, verbos de estado e *dicendi*, o perfeito simples. Seja com amalgamação sob o rótulo mais/menos dinâmico, seja com os tipos verbais propriamente ditos, os resultados seguem a mesma direção. Verbos de cognição e verbos modais, cuja natureza é processual, tendem a condicionar o mais-que-perfeito, talvez porque se aproximem mais do dinamismo do que da estaticidade e do uso coesivo (como é o caso do *dicendi*).

Considerações finais

A categoria Aspecto vista sob duas perspectivas, como tipo de situação e como visão de situação, foi objeto das considerações teóricas que apresentamos no início do artigo. Essas considerações serviram em dois momentos da análise: (i) para delimitar a variável (conforme Labov (1978), usamos, como um dos critérios, a seleção de situações perfectivas) e (ii) uma vez definido o envelope da variação (pretérito mais-que-perfeito *versus* perfeito), testamos, como condicionamento de um ou outro uso, a noção de Aspecto como tipo de situação, tanto em perspectiva sincrônica quanto diacrônica. Essa proposta teve como objetivo a constatação de que a categoria Aspecto atuou e atua motivando o fenômeno de variação sob análise, o que nos leva a constatar a manifestação do princípio do uniformitarismo.

Em relação à variação entre os pretéritos mais-que-perfeito simples, composto e perfeito simples: pode-se depreender o que segue: (i) PMQPS, PMQPC e PPS coexistem por muito tempo como variantes na escrita; (ii) PMQPC e PPS estão em variação atualmente, do que decorre a observação de que a mudança é gradual e (iii) situações mais dinâmicas condicionam o uso da forma composta do mais-que-perfeito enquanto situações menos dinâmicas motivam o uso do pretérito perfeito simples, confirmando a sistematicidade da variação.

REFERÊNCIAS

- BACK, A. C. P. *A multifuncionalidade da forma verbal –sse no domínio Tempo-Aspecto-Modalidade: uma abordagem sincrônica*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- CALLOU, D; OMENA, N.; PAREDES DA SILVA, V. L. *Cadernos de estudos linguísticos, 20 Sociolinguística*. IEL/UNICAMP: 1991.
- COAN, M. *As categorias Tempo, Aspecto, Modalidade e Referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- _____. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- COSERIU, E. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1979.
- COMRIE, B. *Tense*. 4. ed. Cambridge University Press, ([1985] 1990).
- _____. *Aspect* (3 ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- _____. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COSTA, A. L. *A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.
- DOWTY, D. R. *Studies in the Logic of verb aspect and time reference in english. (Studies in Linguistics)*. Department of Linguistics, University of Texas, Austin. 1972
- GIVÓN, T. *Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 2005.
- _____. *Syntax*. Vol. I, II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 2001a.
- _____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.
- _____. *Functionalism and grammar: a prospectus*. University of Oregon, 1991a.
- _____. *Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations. Studies in language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1991b.
- _____. *Syntax - A functional - typological introduction*. V. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1990.
- _____. *A functional-typological introduction*. Vol.1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1984.
- GODOI, E. *Aspectos do aspecto*. 1992. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, Campinas.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.

- _____. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Paper*, 44. Texas, 1978.
- _____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- _____. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972 b.
- LASS, R. *On Explaining Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* A categoria linguística tempo. In: *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, [1983]1989. (p.104-153)
- MOENS, M. *Tense, aspect and temporal reference*. Dissertação de Doutorado, Edimburgo, 1987.
- NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: Mollica (org.), *Introdução à Sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.
- OLIVEIRA, M. R. ; SANTOS, L. L. . Níveis de integração das adjetivas. *Cadernos do CNLF (CiFEFil)*, Rio de Janeiro, v. 09, n. 1, p. 51-60, 2003.
- PERES, J. Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese. Lisboa: *Cadernos de Semântica*, n. 14, 1993. (p.01-49)
- PINTZUK, S. *VARBRUL programs*, 1988.
- REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. New York: Macmillan Company, 1947.
- ROTHSTEIN, S. *Structuring events – A study in the Semantics of Lexical Aspects*. Oxford: Blackwell, 2004.
- SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SCHERRE; SILVA (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 4 ed. Ática. 1994.
- VENDLER, Z. Verbs and Times. *Linguistics and philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1974 [1967].